

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--30 de Janeiro--1930

**5** *TO* **13**

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**1933**



sempre  
**fi** **re** **se**  
semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFFICINAS**  
TEL. T. 152, 133, 154  
RUA DA ROSA, 57

**Um «crescendo» de arte a passo «largo»**

*brillante*  
AIME SILVA (FILHO)



A mão gloriosa de Rey Colaço, que foi um rei do teclado, corôa o principe herdeiro do seu genio musical.



# Os ditos da semana



**Um esquecimento** A «Enciclopedia pela Imagem», imitação e reprodução em português da «Enciclopedia par le Image» dedica o seu ultimo numero á Aviação. Faz a historia da Aviação, difunde conhecimentos, mas, naturalmente, porque de Aviação se trata, é uma coisa feita no ar, tão no ar que não deu pela passarella do padre Bartolomeu de Gusmão, que jaz no fundo dos arquivos e bibliotecas, nem pelo almirante Gago Coutinho que, por acaso, anda agora em terra a *pedibus calcantibus*, como é seu costume, mas que tambem já andou pelo ar e foi ao Brazil, naquele celebre *raid* de que toda a gente se lembra menos a Enciclopedia.

A «Enciclopedia pela Imagem» corre parellhas com os americanos que, sistematicamente, esquecem o nosso *raid* transatlantico, talvez para que os seus Lindberghs tomem maior vulto.

O almirante Gago Coutinho costuma, quando alguém lhe fala no esquecimento americano, contar uma historia. Que, quando andava por Africa e mostrava aos pretos qualquer aparelho que eles desconheciam, por mais extraordinaria que fosse a maravilha, sempre os pretos a olhavam como a coisa mais natural deste mundo, acrescentando:

— Ora, é coisa feita por branco. Branco faz tudo quanto quere. Ele até faz dinheiro...

Pois é exactamente o mesmo que acontece com os americanos. De tal fórma se habituaram á ideia de que as grandes descobertas foram sempre de portuguezes, que as grandes viagens foram sempre de portuguezes, que quando nos vem lá chegar, pelo ar, dizem como os pretos da Africa:

— Ora, é viagem feita por portuguez. Portuguez faz tudo quanto quere. Ele até nos descobriu a nós.

Dar-se-ha, porém, o caso de que a «Enciclopedia pela Imagem», embora traduzida do francez, tambem seja obra de americanos?...

dia que tem em Queluz, ao pé da estação, e vereis o vosso organismo ressuscitar, sem necessidade de remedios que vos envenenam.

Isto é uma verdadeira resolução na arte da publicidade.

Quereis ter apetite? Ter as faces rosadas? Fazer boa digestão? Compraes uma mobilia de casa de jantar na acreditada casa X. P. T. O.

Sofreis de enxaqueca? Compraes na nossa casa um magnifico chapeu de coco.

Padeceis de mal de pés, com os caracteristicos perfumes a queijo Camembert? Calçae da Fabrica tal.

A prisão de ventre apoquentavos? Ponde de parte os laxativos e compraes as esplendidas cuccas de popeline da nossa casa e vereis o que é soltura.

Andaes na miseria, sem vintem, nem para mandar cantar um cego? Compraes as nossas carteiras de coiro da Russia e vereis nascer as notas de banco como se fosse numa cela da Penitenciaria.

Sofreis dos calos? Tendes

uma unha encravada? Uma bolha de agua num pé? Uzae as nossas peugas de seda e passareis a andar de automovel.

Honrado comercio da nossa praça, ai ficam esses modelos de reclame. Não levamos nada por eles e é natural que a firma Machado Ltd. não vos exiga direitos de autor.

## Doenças de papagaio

Antigamente so se conheciam duas doenças de papagaio, uma que os atacava pelo bico—a verborreia, a falácia, a gritaria—e outra pelo lado contrario.

Qualquer delas era contagiosa para a especie humana, dado que se manifestava egualmente no homem e no papagaio.

Com o andar dos tempos, os papagaios-gente foram-se transformando em tubarões, e o papagaio-bicho foi emudecendo para evitar confusões deprimentes. Chegou a

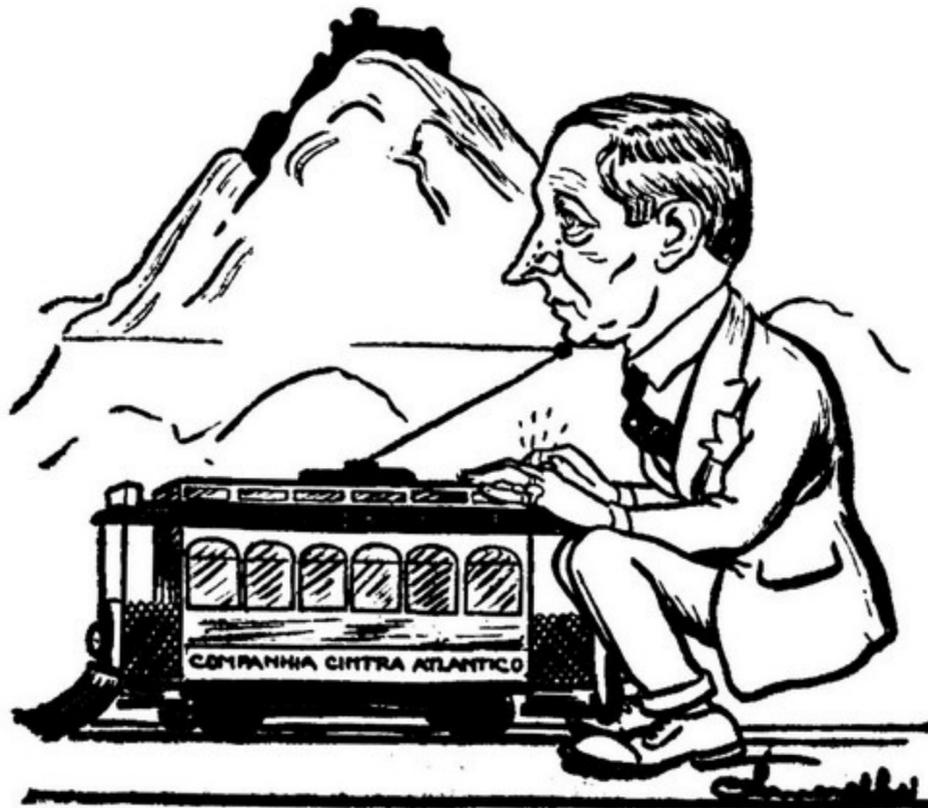
coisa a termo que já não era o papagaio que aprendia a falar com o homem, mas o homem que aprendia a falar com o papagaio. Pois nem assim ha exemplo de um papagaio-bicho ter chegado a tubarão.

Desiludido, revoltado, o papagaio calou-se e deu ao bico outra applicação. Serve-se dele para inocular uma nova doença. Essa doença, segundo os medicos, é uma especie de tifo que dizima a humanidade.

Tudo isto porque o papagaio percebeu que o sr. Carlos Pereira da Companhia das Aguas enriqueceu a falar, a falar, a falar e a distribuir tifos ao domicilio e quere agora seguir-lhe as pizadas. Falar, já os papagaios tinham falado quasi tanto como o sr. Carlos Pereira, faltava-lhes só inocular o tifo. E' o que eles vão fazer.

Naturalmente, se o mal se propagar e começar a fazer estragos, declarar-se-ha guerra aos papagaios doentes e aos papagaios sãos. Será uma nova matança dos inocentes em que cada um de nós terá de fazer de Herodes. E assim, quando morrer o ultimo papagaio terá desaparecido a psitacose dos papagaios. Ficaremos reduzidos apenas á psitacose da Companhia das Aguas.

# CAMILO FARINHAS



**O reclame moderno** Recortamos dum jornal:

**Desejase ter boa saúde?**

NECESSITAIS de cura de repouso? tende os vossos orgãos enfraquecidos? Ide á R. de S. Paulo, 29, á firma Machado, Ltd., e compra-lhe uma linda mora-

**a alma electrica da Sintra-Atlantico que no proximo dia se inaugura o prolongamento da linha Praia das Maças ás Azenhas do Mar**

**Uma conferencia** O sr. dr. Brito Camacho fez, em Coimbra, uma notavel conferencia.

Entenderam-no e aplaudiram-no como era justo. Mas nem sempre assim foi apreciado o sr. dr. Brito Camacho, em terras do Norte.

Ha muitos anos já, fez uma conferencia em Vizeu, se não estamos em erro.

Era no tempo da monarchia e houve quem não gostasse. Dias depois, um jornal da terra, não tendo mais nada que dizer, insinuou que o conferente deveria estar etilizado, como agora se diz. Alguem da terra mandou o jornal ao sr. dr. Brito Camacho, aconselhando-o a que, na *Lucta*, zurzisse o jornalista. O sr. dr. Brito Camacho contou apenas o caso e, referindo-se á zurzidela aconselhada, acrescentou:

— Nós não o faremos, porém, porque não sabemos si que para isso se vale o mundo.

Oh! manes de Camillo!... Estava vingado.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO..»

A caça á borla teatral, entre nós, é quasi uma instituição. Procuram-se conhecimentos antigos só para se conseguir uma entrada no teatro. Ha individuos que, pelo facto de manterem relações pessoais com os artistas e com os empregatarios, são vítimas. São autenticas vítimas. Nós, por exemplo... E, no entanto, quando lá vamos, tantas vezes temos de abrir a bolsa...

Vinha isto a proposito dum requerimento, em verso, que a actriz-empresaria A. R. C. recebeu ha dias. E' assinado por «5 mimosos estudantes». Merece ser transcrito. O requerimento é em papel apropriado e a assinatura vem em cima duma estampilha fiscal de dez centavos. El-lo:

Nós, os abaixo assinados,

Estudantes de Lisboa

E grandes apalxonados

De toda a peça que é boa;

Nós, os devotos profundos

Do vosso egregio talento:

— Roseira que envolve os Mundos

Em festões de sentimento...

Vimos assim, pelo presente,

Pedir a Vossa Excelencia

Se digne mandar qu'a gente

Faça parte da assistencia,

Esperamos deferimento

— Segundo os termos da lei —

Para este requerimento

Escrevi e assinei...

Segue a assinatura como acima dizemos.

Escusado será dizer que os cinco mimosos estudantes entraram para os fauteuils em virtude do despacho de A. R. C. ao canto do requerimento: «Deferido como requerem».

No intervalo do 2.º para o 3.º acto, os borlistas foram ao camarim da artista agradecer. Agradeceram em termos de cortezia. Disseram que gostaram da peça e do desempenho. No dia seguinte constava que se tinham envolvido em desordem na Escola Medica alguns estudantes, em virtude duma discussão sobre teatro. Veio a averiguar-se que ella havia sido motivada pela ida de cinco deles ao T. N. Quer dizer que A. R. C., sem querer, concorreu para um grande reclame á peça...

A attitude dos actores A. de A. e A. A., no Porto, merece a simpatia de todos os artistas teatraes. De ha muito que merecia um correctivo aquele senhor que se alardeia de jornalista.

Não é facil extinguir com a velha confusão que mixordeia a imprensa, fazendo com que o publico tome por jornalista todo o homem que faz jornais. Fazer um jornal e ser jornalista pode atingir tal distancia, como estar mascarado de Luís XVI num baile de Carnaval e ser marido de Maria Antonieta. O illustre artista A. de A. foi atingido na sua dignidade por esse tal jornalista e, tendo-o castigado como merecia, foi ferido por ele, embora ligeiramente, com um tiro na perna. O gesto de A. de A. não nos surpreende — porque não é o primeiro que empurra a imprensa para o lado da ignorancia. O que nos surpreende é que esse tal jornalista se assumiu como individuo profissional de chantage, como jornalista. Para ser jornalista exige-se uma serie de qualidades morais e intellectuais de que o visado é anti-



**Aura Abranches e Rafael Marques, dois artistas que tantas comedias tem representado nesta vida e que hoje vão desempenhar no teatro Avenida a «Comedia da Vida», de qua a primeira é autora, de braço dado com a poetisa Branca de Gonta Colaço, e o segundo será brilhante interprete, como tantas vezes o tem sido nas «pasagens desta vida...»**

poda. A unica virtude do conhecido fazedor de pasquins é a resistencia fisica — pelo record de sovas que tem apanhado. O ano passado, registaram os jornais portuenses sete, não se contando as que ficaram no anonimato, como a que lhe pregou um colega nosso, que em 15 de Março o enviou para o hospital bastante maltratado...

Nunca doam as mãos aos que, como A. de A. e A. A., o deixaram quasi sem sentidos. Fizeram o que já outros deviam ter feito...

NÃO sabemos ao certo se a peça que o actor A. A. levou na sua festa, no Porto, é a conhecida obra francesa de Méré, se é a reconstituição do que se pasou, ha dias, depois do espectáculo, na rua 31 de Janeiro. Como no anuncio lemos *A dança da meia noite*, ficamos na duvida...

ANDA por Braga a companhia Elisa-Alegrim. Dum jornal daquela cidade recortamos o seguinte, referente á peça *O Estoque*:

«Afonso Henriques que, indubitavelmente, é um actor de talento, apresenta-nos aqui uma personagem cheia de charme e arte que a sua bela figura avanta na primorosa fôrma da sua correctissima dicção.»

Desconheciamos o facto de o Alegrim ter ido a Guimarães buscar o fundador da monarquia para andar com ele em tournée. Agora o que não sabemos é que o D. Afonso Henriques tinha boa figura, que tinha boa dicção e que tinha talento. Não é assim que reza a historia... O Alegrim descobre cada actor!

FOI fertile em novidades teatraes a semana que passou e esta vai pelo mesmo caminho. Na outra começou a fazer a teia aquella *Aranha* de que tanto se havia falado e nesta inicia-se a contradança das companhias, de teatro para teatro. O ano começa bem e, aparte uma ou outra companhia, todas vão fazendo o seu negocio... Ainda bem, porque assim melhor vive o artista dramatico, o unico operario que trabalha para fazer os outros passar o tempo...

A chuva, como o calor, são, ás vezes, prejudiciais aos teatros...

Choveu todo o dia; quem sabe á noite?

Fez calor todo o dia; quem se move á noite num teatro?

No entanto, ha peças que resistem á chuva e ao calor.

Quando a chuva é da para o actor, o tempo que falta é para o publico.

HA um certo empregatario que

pregunta sempre, nas vespervas das premieres:

— Não houve zanga nenhuma por causa da peça? Não se feriu nenhum carpinteiro no armar de um scenario? Não houve sangue nenhum?

Quando a resposta é negativa, o exito da obra é duvidoso; agora se houve sangue, o nosso empregatario exclama:

— Temos peça.

A's vezes, calha.

Vem isto a proposito da *Comedia de sangue* que houve no Porto. O nosso J. L. já deve ter dito aos amigos:

— Agora é que a companhia vai fazer successo... Estavamos tão precisados daquele tirinho.

Ha males que veem por bem...

OS criticos andam a reunir muito amiudadamente. Para que será? O que vai sair de tanta reunião?

Esperemos... que o tempo nos dirá...

A' volta da extinção do Gremio dos Artistas lavra grande celeuma. Deve-se ou não dissolver? Não, dizem uns. Sim, dizem outros.

Nós, que somos socios e, portanto, tambem temos voto na materia, diremos:

— Nunca deve acabar a associação que serve para defender os direitos dos artistas, ainda que para ella só concorra a minoria da classe. Que se organize e se desenvolva depressa a Casa Gil Vicente, mas que o Gremio fique.

Diz um impresso que nos deram a lèr:

«Assinando o presente documento, patenteais a vossa concordancia com a fundação da Casa Gil Vicente, que se propõe dar aos artistas: Pensões na doença e na invalidez; Assistencia medica e dentaria; Hospitalização; Auxilio para funeral; Assistencia de enfermagem na séde.»

Tudo isto será assim, mas antes de doente ou de invalido, quem defende o artista, quem fiscaliza o lei que vai sair, quem o protege em qualquer pretensão e quem está ao seu lado, dando-lhe conforto moral?

A nossa revolta, contra o boato da dissolução do Gremio, não é isolada. Vemos a nosso lado pessoas de grande categoria artistica e intellectual.

Porque se não ha de fazer uma e outra coisa: crear a Casa de Gil Vicente e manter o Gremio?

Artistas e trabalhadores de teatro, deem as mãos... e mãos á obra!

ANDAM troupes por Africa... que deviam não voltar. Numa delas reclama-se, determinado artista, desta maneira:

— VALORES NO CONSERVATORIO —

Vergonha não ha...

O Homem das 5 horas



— E' o que te digo: ele já não gosta de mim. Agora gosta da Aurora.

— E como sabes tu isso?

— Muito facilmente: porque noutra dia, no baile, lhe deu duas bofetadas.

## Elevador da Gloria

— Ora, diz-me cá, se fosses para o céu e logo de cara deses de cara com a tua sogra, que fazias tu?

— Sempre tens ideias! Isso nem se pergunta, homem. Saia imediatamente...

\*\*\*

Consulta medica:

O doutor: — E como dorme?

O docente: — Como durmo? Essa não está má. Durmo com os olhos fechados...

\*\*\*

Berta: — Pobre Carolina! Que desapontamento o dela, depois de ter casado com aquele velho!

Alice: — Porquê? Ele não tem o dinheiro que ela julgava?

Berta: — Tem, sim; tem dinheiro a farta. Mas tem menos dez anos que aqueles que ele lhe dizia...

\*\*\*

Num baile:

Ela: — E' melhor chegar-se mais para lá... Olhe que sua mulher parece que nos está espreitando...

Ele: — Não está! O que está é a ver se eu a estou espreitando a ela!

\*\*\*

O guarda: — Tu exiges de mim que não tome! Não sabes que para conseguir isso é preciso uma grande força de vontade?...

A capsa: — Pois eu tenho uma grande força de vontade...



— Fazias-me o favor de me apresentar ao teu amigo?

— Não; prefiro antes emprestar-te já o dinheiro que tu lhe vals pedir...

## Coisas historicas

O celebre architecto francez Garnier, construtor do grande teatro da Opera, de Paris, era um homem de espirito.

Ao apresentar á imperatriz Eugenia os planos do futuro teatro, parece que não obteve da augusta dama lisongeiro acolhimento.

— Mas que estilo é este? Nem é grego, nem Luis XVI, nem...

— E' verdade, Senhora — respondeu o architecto — O estilo é banal, nem grego, nem Luis XVI, é apenas estilo Napoleão III.

E o caso é que a imperatriz não se zangou e antes se sorriu...

\*\*\*

Em 1840, durante a epidemia do colera em França, foi um «maire» convidado a tomar precauções, apressando-se a informar o seu «prefeito» que todas as precauções estavam tomadas.

Quiz o «prefeito» avaliar a eficacia das medidas tomadas e pediu ao «maire» lhe explicasse em que consistiam as suas precauções.

E o «maire» informou ter mandado abrir no cemiterio uma sepultura para cada habitante...

\*\*\*

A Ariosto, o poeta, que habitava uma pequena casa, perguntaram os seus amigos porque tinha construido tão insignificante morada depois de descrever os grandes palacios do «Orlando Furioso».

E Ariosto respondeu: — Porque é mais facil reunir palavras que pedras.

\*\*\*

Contava o classico Racine que um medico, depois de lhe ter proibido beber vinho, comer carne e lêr, acrescentava:

— E trate de divertir-se!

\*\*\*

Esta é quasi historica:

Um poeta pateta pediu ao escritor espanhol «Clarín» que lêsse e apreciase um poema que escrevera com o título de «A Creação».

«Clarín» devolveu-o indignado, dizendo:

— Para que diabo se mete você com a Creação? Se o tema lhe interessa, crie alguma coisa, crie uma familia...

— Já tenho...

— Pois crie entã a, homem, crie outra!...

\*\*\*

Da historia de todas as redações:

O director do «Heraldo de Madrid», sempre que perguntava por um redactor que não tinha comparecido, obtinha como resposta que o referido redactor acabava de sair.

E como o facto se repetisse, foram os redactores surpreendidos com o seguinte aviso:

«Roga-se aos srs. redactores o favor de não saírem do jornal antes de entrarem.»

\*\*\*

Numa exposição de pintura, um visitante pergunta ao guarda, apontando um dos quadros:

— Diga-me: isto é óleo ou pastel?

— E' pastel.

— Lá me parecia a mim ao vê-lo tão lambido!

## Dum pae para o filho

O Manoel Antonio abandonara a casa paterna para tentar a vida e fóra viver para uma terra proxima. Sempre que tinha qualquer azar na vida, recorria ao pai, que lá ia satisfazendo como podia os seus desejos. O certo é que os pedidos eram já em grande numero para que o pai se não zangasse.

Chamou, por isso, a atenção do filho que, não olhando aos conselhos do pai, lhe enviou um dia a seguinte carta:

«Meu querido e muito bom pai:

Estimo que tenha passado bem, que a minha, ao fazer desta, é boa — graças a Deus.

Escrevo esta carta hoje, segunda-feira, para que, chegando ela ás suas mãos na terça, faça o pai durante o dia de quarta a diligencia para me enviar algum dinheiro na quinta, a fim de que eu o receba na sexta-feira, porque, de contrario, no sabado tomarei um comboio e encontrar-me-hei com o pai no domingo.

Um abraço e um beijo do seu filho muito amigo,

Manoel Antonio.»

Resposta do pai:

«Meu querido filho:

A' tua carta de segunda-feira, recebida na terça, respondendo quarta para que saibas na quinta que não terás o dinheiro na sexta, e que se tomares o comboio no sabado, te desenganarás no domingo — de que não sendo domingo, nem segunda-feira, nem terça, nem quarta, nem quinta, nem sexta, nem sabado, em qualquer outro dia tens a minha algibeira á tua inteira disposição.»

(Do espanhol).



— O Matias, coitado, está quasi octogenario...

— Bem faz vocemecê que nunca mais passa de trintanario...

## Um exame de graça

Como o Fixe deve ser o repositório, o arquivo de todos os ditos de bom humor, de todo o espirito nacional, justo é que nele sejam relatados e tenham o merecido premio da publicidade todas as manifestações de incontestavel graça.

Por isso se transcreve a seguinte veridica resposta, dada por certo aluno num exame e que de facto vale (e parece que lhe valeu o referido exame) que sem ela teria tido um mau desfecho.

A' falta de outros conhecimentos do examinado, que no mais, quanto á sciencia, demonstrou completa ignorancia, pelo resultado, apesar de tudo alcançado, pode dizer-se que foi um verdadeiro exame... de graça.

Depois de cerrado interrogatorio e de não menos cerrado estenderete por parte do aluno, o professor, já farto de ouvir asneiras e de não ter aceitaveis respostas ás suas numerosas perguntas, concluiu, de mau modo, para o rapaz:

— Afinal, o senhor sabe tanto disto como um policia...

Mas, sempre de resposta pronta, declarou, desta vez irrespondivelmente, o interrogado:

— Ora ainda bem que V. Ex. reconhece que eu sou... uma autoridade no assunto...



— Já está irremediavel de a terra...  
— Não; e que me rala agora é (er que fazer a subscrição para o enterro!



— Nunca devemos esquecer as datas historicas? Qual é o valor de 1640?  
— Dezaseis tostões e um pataco.

### Consultas do "Fixe"

P. 8: — Desejava saber como se escreve *conselho*; se com s ou com c. — *Espoleta Retardada*.

R. 8: — Ha opiniões. Aqueles conselhos de amigo, aqueles que servem para alguma coisa, escrevem-se com s. Aqueles conselhos que os guitás dão ás sopeiras, os soldados milicianos ás costureiras, e os que nós todos damos ás divas que virginalmente se nos apresentam na estrada da nossa vida, são com c e alguns com c bém cedilhado. Os conselhos da familia, esses são com dois ss, mas como nós não gostamos de letras dobradas, não lhe ligamos importancia nenhuma.

P. 9: — Quantas especies ha da mesma manciara a proposito de palavra *penso*. Ouço-a pronunciar coisas diferentes, mas não sei se haverá processo de distincção na escrita. — *Agostinha Joaquina*.

R. 9: — Senhora minha: Ha diferenças. Ha três especies de *pensos*: o *penso* inicial, o *penso* transitorio e o *penso* futuro.

O *penso* inicial é geralmente iniciado com um gentil fraquelebaque no trombil que transporta o «suporter» para o banco do hospital, onde recebe o *penso* central na parte confundida. Depois veta o *penso*, o tal: o *se eu pensasse* não me tinha metido em tais alhadadas. Quanto á forma de escrever, é um bocadinho diferente, segundo uma modernissima forma de escripturação que brevemente será apresentada á Academia.

Assim, o *penso* inicial pode ser representado por um *cass-tête*, um par de luvas de *box*, uma inofensiva bengala de cavalo marinho, etc., etc. O *penso* transitorio pode ser representado pela Cruz Vermelha, por um pacote de algodão ou qualquer outra droga que exista em abundancia nos bancos dos hospitais. Finalmente, o ultimo *penso* é idealmente representado com a seguinte scena em fundo verde: um buro agonisante com o colar da Academia.

Z. M.

### Maneiras de dizer

Sempre no intuito de arquivar no *Fixe*, órgão da graça, as manifestações de espirito que o mereçam, se transcreve este caso passado nas altas esferas da diplomacia.

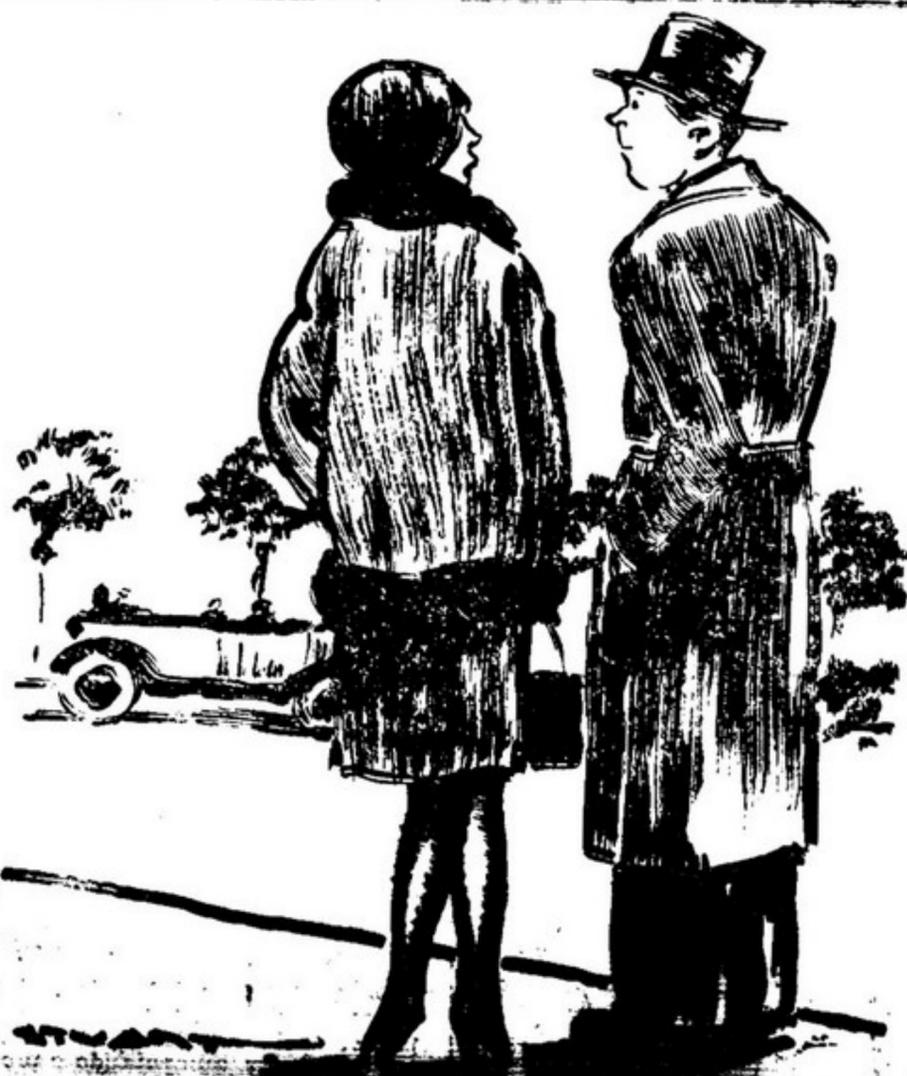
Certo ministro dos negocios estrangeiros viu-se em dado momento forçado a demittir qualquer representante diplomatico, que pelo culto apaixonado do Deus Baccho apparecia por vezes em estado pouco proprio á representação do seu país, apesar de este ser um grande país vinicola.

\*\*\*

Após a demissão de funcionario, alguém perguntou ao ministro se o despacho fôra motivado por alguma falta muito grave.

Não querendo, porém, por motivos do protocolo, dizer abertamente a razão do sucedido, o ministro teve então esta feliz resposta:

— Hum! não! muito grave não... Fulano foi demittido por... por razões Porto...colares...



— Por causa do choroto de est? — Sim... Para não haver tantos utilizadores.

### Musica electrica

In illo tempore, quando Edison não tinha ainda nascido, a musica era uma coisa rara, apreciada por todos e cultivada apenas pelas meninas romanticas e tocadores de realejo.

Quem a queria ouvir, esperava pelo domingo e ia então ao Passeio Publico deliciar-se com um «passe-doble» ou com uma valsa dolente, tocada por uma banda de afinacção duvidosa, marcialmente instalada no seu coreto, que tinha sempre como espectadores o burguez lisboeta, acompanhado da mulher e da filha, comodamente instalados nas cadeiras do Passeio, que se alugavam a dez réis cada, para um fim beneficente...

E, de volta a casa — era certo! — vinham sempre a trautear uma passagem mais bela que lhes ficara de ouvido, que constituia o *refrain* obrigatorio, assobiado ou cantarolado durante o trabalho de toda a semana seguinte ao domingo em questáo.

A musica escutava-se então religiosamente no meio dum silencio sepulcral. Com o primeiro acorde paravam as conversas e os proprios namorados interrompiam as suas falas, quedando-se extaticos ao ouvir a valsa do «Sonho» ou a «Serenata á lua».

Era a epoca romantica dos cabelos compridos e das tipoias de praça!...

Mas, um dia — decerto sexta-feira e dia treze!... — surgiu á luz do mundo, vindo das profundas dum laboratorio, a primeira caixa com corda, bizarramente encimada por uma corneta de lata pintada, a que detam pomposamente o nome de «gramofone». Este, verdadeiramente horrendo, incomodo, era um autentico monstro, cujo *funil* lançava cá para fora uns acordes infernaes, umas vozes esganicadas, juntamente com um ruido diabolico, que fazia lembrar ao mesmo tempo o de uma maquina de costura ou um expresso em andamento!...

Foi quanto bastou! — Imediatamente começámos a ouvir ao desbarato a *Marselheza*, o *Gallito*, *La donna e nobile* e outras calamidades musicais, numa promiscuidade extraordinaria, em discos tais que suportavamos do principio ao fim constituia uma verdadeira prova de resistencia auditiva e de sensibilidade artistica.

E, para cumulo de pouca sorte, os gramofones aperfeiçoaram-se, passaram a chamar-se «gramofonas» e hoje vendem-se a retalho, ás prestações, em todos os tamanhos e feitios, em forma de mala, mesa de cabeceira, etc., etc., enfim — uma invasáo cujo resultado principal tem sido levar aos especialistas de ouvidos inumeros doentes com os timpanos respectivos bastante desafinados...

Não ha café, *restaurant* ou hotel que não tenha uma gramofona que atordoa os ouvidos, por mais vacinados que estejam, gramofonicamente falando.

Em casa não podemos dormir, pois ha sempre um visinho *gramofonista*, que passa a santa noite a tocar a marcha da «Aida» ou o «1812», e se saímos á rua, basta virar a esquina para apanharmos pela praça a ja estafada «gramofona» que um electrofone qualquer reproduz pela millesima vez!

Mas que fazer?! Ouvir, calar e ir ao medico remendar os *timpanos*...

Os musicos põem as mãos na cabeça e protestam contra a invasáo crescente dos seus inconscientes rivais.

Um dizia-me ha dias: «— Como querem que a classe musical não esteja fóra de si?! A nossa situação mete dó! Não ha debaixo do sol de Portugal quem se sinta satisfeito. Lá fóra ha leis que nos protegem, cá nada temos e assim não pode haver harmonia!»

— Ah! reparei! Não viu uma chuva de pinguos de laze que caem de vez com os malditos discos!...

Marie Augusto.



— Minha mulher só tem um defeito: não sabe tocar piano.  
— E chamas a isso defeito.  
— Sim... porque não sabe mas toca.

(Do «Gutierrez»).

### Graça dos outros

A dona da casa: — O leite de ontem estava azedo! Que pensa vocecê fazer?

O leiteiro: — Trazer-lhe uma receita para fazer queijo!...

\*\*\*

O pai: — Olha que essa maçã parece que tem bichos!

O filho: — Não faz mal! Eu como a maçã e os bichos que se arranjam como puderem...

\*\*\*

— O teu marido é muito distraído?

— Muiíssimo! Uma vez foi á caça e trouxe-me uma pescada, e outra foi á pesca e trouxe-me uma lebre...

\*\*\*

Na plateia dum teatro:

— Minha senhora. Eu comprei o meu bilhete para vêr!

— E eu comprei este chapéu para que se veja...

\*\*\*

No tribunal:

— Porque matou o acusado uma mulher por trezentos mil réis?

— Trezentos mil réis dum lado, trezentos do outro, e a gente vai governando a vidinha ...

\*\*\*

O pai: — Quem é este teu amiguinho?

O filho: — E' meu companheiro de liceu! Como ele ficou reprovado no exame, como eu, julguei que terias prazer em conhecê-lo!...



— Não tens vergonha de caminhar com tanta tolice de dentes?

— Perdão, meu pai... todos não. Ainda não fumo!...

# TRAVADORES ESTRUIDOS

Enviaram-nos o seguinte convi-  
te, que gostosamente publicamos:

**GREMIO ESTRUTIVO FAMILIAR  
OS TRAVADORES**

Calçada do Monte, 70 — 72

Sabado 15 de Fevereiro de 1930 — ás 21  
horas

Grandiosa festa de Sulariedade em favor  
de E. A. que se encontra em preca-  
rias circunstancias

**PROGRAMA — 1.ª Parte**

Variações á guitarra pelo apreciadissimo  
dedilhador Candido Ventura acompa-  
nhado pelo seu viola Manuel Delgado

— 2.ª Parte —

Cação Nacional pelos apreciadissimos col-  
tivadores Filipe Pinto, João Eerreira  
(Vulgo Pirolito) Polcarpo Alves, An-  
todio Ladi Ventura Barros, e os dois  
irmãos Carlos Pereira e Joaquim Pe-  
reira em Jocouso

— 3.ª Parte —

Um acto de variedades pelos amadores  
Adolfo de Carvalho, Joaquin Pereira,  
Carlos Pereira e o pequeno amador  
José de Carvalho e a apreciada amado-  
ra D. Fernanda Pires da Silva.

— 4.ª Parte —

Continuação do concilio pelos Srs. Ar-  
tur Chaves, Manuel Lemos, Alfredo  
Martins, Damaso da Silva, Antonio  
Graça, Alfredo Moura, Mario Cesar,  
Daniel Mendonça.

Os acompanhamentos serão feitos á  
guitarra por José Alves Couto, Aca-  
cio Monteiro Viola por Francisco  
Pimenta e Victor Barros

**ARTE, ALEGRIA E ATRAÇÃO**

Por gentileza dirige esta festa o po-  
pular poeta José Alves.  
Será abrilhantada por um grupo Ban-  
dulnistas.

Por mais estruido que se seja e  
por mais que simpatesemos com a  
cação nacional, as circunstancias  
não permitem que entenderamos o  
programa. Todavia, como lá vão  
alguns coltivadores, damos a nos-  
sa sulariedade á festa, tanto mais  
que somos doidos pela poesia es-  
trutiva.

## PAPEIS

Com razão, ao que parece,  
Alarmam-se os jornalistas,  
Pois se o papel encarece,  
P'lo menos o que acontece  
E' falirem as revistas.

E tanto já deu nas vistas,  
Que o publico não ignora  
Que temos grandes artistas  
Mas que os papeis das revistas  
Vêm quasi todos de fóra.

Passam um transe cruel  
Bastantes capitalistas;  
Pois se encarece o papel,  
Quanto pede a Demoel  
Pelos... papeis das revistas?...

João Fernandes.

**Quereis dinheiro ?**

Jogal no

# Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

# UMA ENGRAVAÇÃO

O Bonifacio Penteado ia a sair  
de casa, quando a creada lhe en-  
tregou uma carta.

Penteado, passando a delicada  
mão pelo lombo da creada, agra-  
deceu, abriu e leu:

**ACADEMIA DE LETRAS**

O professor José Esperança tem  
a honra de convidar V. Ex.ª a as-  
sistir á conferencia que no próxi-  
mo dia 26, pelas 21 horas, realiza  
nesta Academia.

Tema: a questão ortografica.

Bonifacio Penteado, embora o  
professor José Esperança fosse seu  
primo direito por parte de seu pai,  
que era torto que nem um arro-  
cho, não tinha o mais pequeno  
respeito pela illustração do primo.  
Considerava-o até um destes ani-  
mais que, á força de reclamados  
pelas gazetas, se julgam possuidores  
de enorme valor.

Leu, por isso, o convite e mur-  
murou:

— Pois sim... Dia 26... Espera por  
essa... que eu lá vou ouvir a ma-  
gada da conferencia. No dia 26  
ninguem me vê em Lisboa.

Durante os dias que decorreram  
do recebimento do convite ao mar-  
cado para a conferencia, Bonifa-  
cio não fez outra coisa que pen-  
sar na conferencia do primo. Não  
queria de fórma alguma assistir  
a ella; não queria tambem que o  
primo notase a sua falta.

No dia da conferencia.  
Bonifacio acabara de jantar e,  
contra o que pensava, preparava-  
se para vestir a casaca dos mo-  
mentos solenes.

Mas, subito, teve uma ideia. Pen-  
sou uns momentos e disse consi-  
go:

— Ora esta! E eu que ainda me  
não tinha lembrado disto... Pois  
claro! Escrevo uma carta e pron-  
to! O Esperança fica satisfeitissi-  
mo... e eu tambem.

Sentou-se então á secretária e  
escreveu:

Terça-feira, 26: — Meu querido  
primo: — Um grande abraço. Já o  
tinha ouvido falar mas, com fran-  
queza, nunca o supuz tão elo-  
quente:

«Que momentos deliciosos passei  
ontem na Academia ao escutá-lo  
e que orgulho senti ao ouvir os  
aplausos com que coroaram a sua  
brilhante oração.»

«Bravo! Bravo!  
A esta hora, o Tomás Colaço é  
os brasileiros não de estar conven-  
cidos de que o meu querido pri-  
mo é uma pessoa superior e que  
ninguem melhor ainda discutiu a  
celebrada questão ortografica.»

A sua palavra elegante, a sua  
erudição, a sua intelligencia forte  
e bem constituida vão, decerto, ser  
objecto da maior admiração por  
parte daqueles que se interessam  
por tão grave problema.

Recêba o meu querido primo,  
com as minhas melhores felicita-  
ções, um grande abraço do seu

Muito dedicado,

Bonifacio Penteado.»

Levantou-se, saiu e pôs a carta  
no correio.

No dia seguinte. Dez horas da  
manhã. Bate o correio á porta.  
Bonifacio recebe um acarta. Lê:

«Meu caro primo: — O meu par-  
ticular amigo José de Sousa, que  
eu mandei á Academia, ontem,  
assim que verifiquei não me ser  
possivel, pelo meu estado de sau-  
de, realizar a annunciada confe-  
rencia sobre a questão ortografi-  
ca — deve ter dito ao meu primo  
e a todos aqueles que iam fazer o  
favor de escutar-me, que só um  
caso de força maior me obrigara  
a faltar ao compromisso tomado.»

Todavia, como tenho pelo meu  
querido primo a maior estima,  
quero especialmente pedir-lhe per-  
dão de o ter incomodado.

Abraça-o o seu

José Esperança»

## As mulheres dos autores



— Meu marido desde que estamos nesta casa tem escrito um  
acto por semana.  
— Al filhal! O meu então é rara a noite que não faz uma scena.

## HISTORIA MUDA



## CRONICA DOS TRIBUNAIS

No Tribunal dos Pequenos Delit-  
tos. Preside o juiz, sr. dr. Vicente  
de Vasconcelos e responde madame  
Costa, sonambula-vidente, que diz  
o passado, o presente e o futuro,  
mesmo a grande longitude.

O juiz interroga a vidente:  
— A senhora é sonambula e vi-  
dente?

— Isso é um condão muito anti-  
go!

— Diz que vê tudo, mesmo a  
grande longitude?

— E' o que dizem os meus car-  
tões de visita! Mas não fui eu que  
os mandei fazer...

— Nem eu!

— Então quem foi?

— O meu marido que Deus tem,  
ha três anos!

— Ha quanto tempo mora na  
rua Marques da Silva?

— Ainda não ha um ano.

— Então o seu marido já adivi-  
nhava que a senhora havia de ir  
morar para aquela casa...

— Não, senhor juiz, o homem que  
vive comigo é que os mandou fazer  
por copia de outros que o meu ma-  
rido deixou quando morreu. Eu  
não sei ler nem escrever.

— A senhora, que tudo adivinha  
e tudo vê, não adivinhou que eu  
tinha mandado a policia visitar a  
sua casa?

— Foi porque me deixei dormir.  
Na vespera da minha prisão já eu  
sabia o que me ia succeder...

— Mas, porque continuou a dar  
consultas e a enganar os papal-  
vos?

— Enganar, não, sr. juiz!

— Não recebia dinheiro dos clien-  
tes?

— Como havia eu de comprar os  
viveres, pagar a casa e comprar  
vestidos?

— A senhora, afinal, não adivi-  
nhava coisa nenhuma...

— V. Ex.ª certamente ignora que  
eu tenho uma virtude que Deus me  
deu... Pregunte V. Ex.ª aos meus  
clientes se eu não lhes adivinhei o  
seu passado e presente...

— Então como consegue isso?

— Eu não sei explicar esta vir-  
tude que tenho! Se V. Ex.ª quizer  
ter a bondade de se sentar bem na  
minha frente, eu vou-lhe dizer o  
seu passado e presente. Se V. Ex.ª  
me dá licença, eu vou fazer-lhe a  
experiencia...

— Eu já sei qual o meu passado  
e presente!

— Esta oração que aqui está pa-  
ra desencarnar os espiritos, para  
que servia?

— Não é minha! Essa oração é  
uma fé!

— E o «pé de encanto» que lhe  
foi apreendido?

— Isso é cinza de arruda e ale-  
crim.

— Para...

— Para atrair corações empede-  
ridos.

Depõe em seguida uma sobrinha  
da vidente, uma rapariguinha de  
16 anos, que andava tirando o cur-  
so de vidente.

— A sua tia recebia muitos clien-  
tes?

— Imensos!

— Tambem ia dar consultas fóra?

— Foi a semana passada a Alde-  
galega levantar o espirito a um  
homem.

— Como fez ella isso?

— Mandou-o despir e depois un-  
tou-o com azeite e fez-lhe umas  
rezas.

— Quanto recebeu?

— 300\$00 e passagens pagas.

A vidente que tudo via e adivi-  
nhava foi condenada em 6 meses  
de cadeia ou 3.000\$00 de multa.

Ao ouvir ler a sentença, a bru-  
xa exclamou:

— 3.000\$00! Isso é demais... Ain-  
da se me dessem um prazo para  
pagar, eu tinha dinheiro de casa...

— Mas, senhora, a senhora não  
pode dar consultas...

**Quer a sorte grande?**

Hebrite-se na tabacaria MADRID

Rua do Mundo, 115

# DESSPORTOS

## As aventuras dum gigante italiano O NOSSO GRANDE CONCURSO

Foram interessantes os resultados dos desafios de domingo. O *Belenenses* quiz provar, e conseguiu-o, que até joga debaixo de

Foi sucessivamente criado de circo, lutador de feira, descarregador, etc.—até ao dia em que um *manager* de *box*, seduzido pe-

### Questões de gravidade



### A lama não aguentou com o peso dos leões

agua. Onze a zero é realmente um resultado. Dá um *goal* para cada jogador adversario. O que não compreendemos é que o *team* vencido não mude de nome. Porque afinal... o bom sucesso é sempre para os outros...

O *Sporting* pagou com lingua de palmo a sorte do domingo anterior. O jogo de azar tem desses azares. Revoadas de sorte... revoadas de *malchance*...

O *Belenenses* é que faz o possível par evitar revoadas. Joga como banqueiro...

O snobismo e a paixão desportiva criam revoluções insensatas na vida dos *boxeurs* contemporaneos—que sobem agora as *étapes* sociais com uma rapidez inquietante.

Veja-se a brusca carreira do gigante italiano Primo Carnera.

Carnera nasceu numa aldeola proximo de Veneza. Filho duma familia de operarios, abandonou um dia, com uma trouxa debaixo do braço, a aldeia natal.

los seus 2 metros e 15, sonhou fazer dele um campeão de *box*.

O ultimo combate de Carnera com o americano Stribbling, em Paris, foi cheio de incidentes.

O gigante italiano acabou por ser desclassificado, por ter batido no adversario após o fim dum *round*.

Uma semana mais tarde, devia encontrar-se em Londres com o campeão da Alemanha, Diener. A imprensa inglesa desencadeou contra ele uma campanha formidavel, inspirada por Lord Lonsdale.

Chamaram a Carnera, nada mais nada menos, do que *assassino comercializado*. Disseram-no capaz de matar o adversario, o arbitro e os *segundos*. Pediu-se ao governo para proibir o *match*, que era a vergonha da *nobre arte*. E encheram-se, assim, colunas e colunas.

O resultado foi esgotar-se a lotação do «Albert Hall».

No dia seguinte, o *manager* de Carnera escreveu nos seguintes termos a Lord Lonsdale:

«Eu julgava-me, meu caro senhor, um az em materia de publicidade. Tenho tido, neste campo, ideias que não hesito em classificar como geniais. Mas confesso que o senhor me é infinitamente superior, e que a sua ultima invenção conseguiu milagres. Talvez se tivesse podido apimentar mais a campanha. O senhor esqueceu-se de que Carnera podia tambem assassinar o *speaker*, os juizes, o pessoal do *ring*, os porteiros, etc., Mas o senhor preferiu limitar-se ao *acertavel*. Muitos e muitos agradecimentos.»

Os contrastes de Carnera são curiosissimos. Após a sua vitoria de Londres, andou pelas ruas mal vestido e com unhas alpergatas horrorosas. No dia seguinte era recebido pelo principe de Galles. E o *manager* de Carnera, recebeu com honras de estado. Carnera é de estatura das mulheres. Parecia estar no seu meio...

Rebeis-A-Boia.

## SILVAS DO FOOT-BALL

Continuam a afluir os premios para o sensacionalissimo concurso dos *Silvas do Foot-ball*. Todas as importantes firmas desportivas da nossa praça tomaram a peito dotar o nosso concurso com uma lista de preciosidades que desbanca as *Marias* e os *Homens* e os *Bichos*.

Registaremos hoje as seguintes ofertas:

BASILIO DE OLIVEIRA oferece um esplendido cronometro marca *Leão*, dotado de grande paciencia e recomendado para o funcionamento em assembleias geris agitadas.

DR. AUGUSTO VAZ oferece um *Codigo da Estrada*, muito bem encadernado, com muitas em relevo.

JORGE PAIVA oferece um *Gaudin de papelão*, com alguns furos, e optimo para pregadeira.

SILVESTRE ROSMANINHO oferece dois pequenos molhos de carqueja aromatica.

JOSÉ PARREIRA oferece um *Rumorsinho*...

JULIO DE ARAUJO oferece uma libação em escala de um para mil.

EDUARDO ROSA oferece um *Citroen* que anda.

JOAQUIM ALMADA, que já na semana passada se distinguira pela sua generosidade, resolveu, em virtude da vitoria do *Casa Pia* sobre o *Sporting*, oferecer tudo o que quizerem.

MAGALHAES DOMINGUEZ oferece um protocolo com redoma de vidro.

JOSÉ SANTA-CAMARÃO oferece uma *mayonnaise* e dois directos ao estomago, para auxiliar a digestão.

### Quem é este?



Tem azas, mas não avôa  
Embora vôle por vezes.  
Joga a bola por Lisboa  
E tambem p'los portugueses.

Anda lá de vez em quando  
Um tudo nada cochelas  
E ás vezes vôle-lhe tratando  
Das suas lindas canelas.

Um grande chulo é este:  
(E era um dos mais pucholas)  
Que ás vezes não percebia  
Como ele metia as bolas.

Tambem joga a laranjinha  
E diz com certo recelo:  
—Mas que triste sina a minha  
Tenho que jogar a melo.

Usou boina, mas agora,  
Que anda assim com certo asaf,  
Já mandou a boina embora  
Pra não ter que a apanhar.

Quem será? Não advinha?  
Lêtor que gostar de pinha.  
O rapaz joga com pinha  
Por outra, joga com tola.  
ZÉ MARIA.

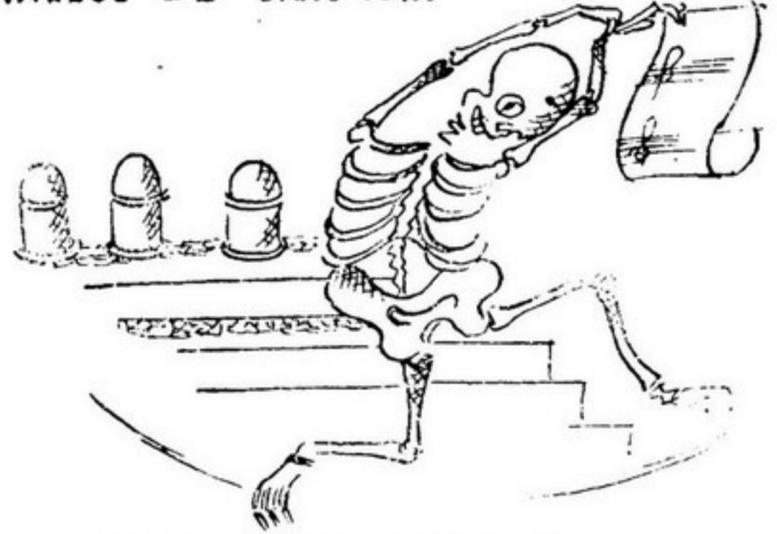


# ECOS DA SEMANA

Só NÃO SE ARRANJA EM LONDRES UMA CONFERENCIA CONTRA AO VENTO, ESSE MAROTO QUE NÃO TEVE DODAS ANEMDOEIRAS EM FLÔR

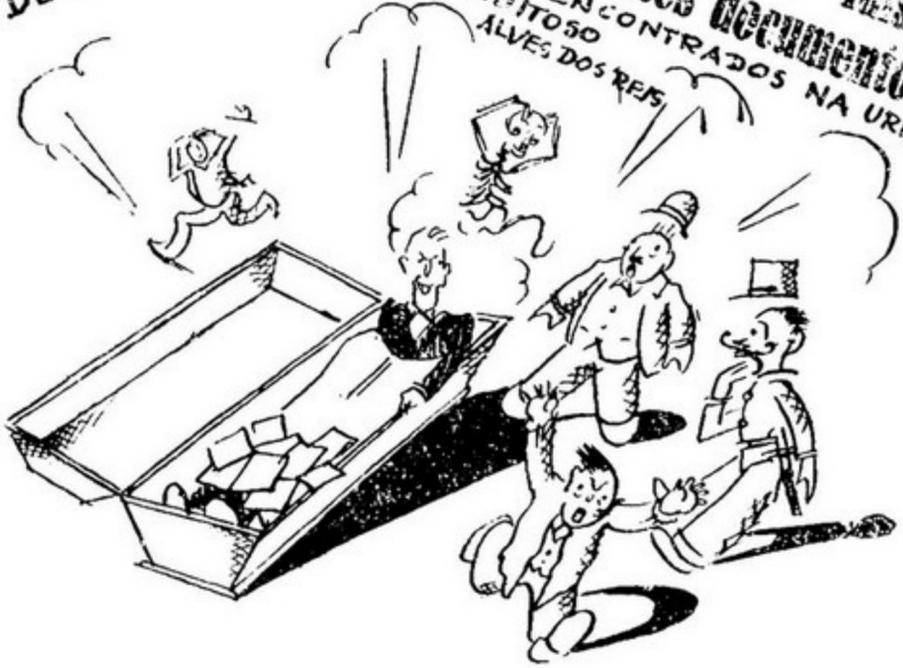


CONTINUAM NA BAILA OS BAILADOS DOS OSSOS DE MARCOS PORTUGAL QUE TEEM ANDADO NUMA TAL DANÇA MACABRA QUE PARECE DE "SANS SENS"



ATÉ DEPOIS DE MORTO

50 contos de notas falsas e importantes documentos foram encontrados na urna do infeliz ALVES DOS REIS



SE O PAPEL SUBIR DE PREÇO OS JORNALISTAS VER-SE-HÃO NA NECESSIDADE DE SUBIR PARA A LUA, E, A ORGANIZACEM O "DIARIO DA LUA"



O MAESTRO VLADIMIR GOLSCHMANN QUE NOS "LANGUIDOU" COM A SUA "SCHEHERAZADE"



O SEU BRAÇO DIREITO PARECIA UMA CERVA (DE PAQUI) ORIENTAL

## O ALMOCO da Lapa e do Pedro Nunes

FOI UM GRANDE ABRACO DE CONFRATERNIZACAO ENTRE CENTENAS DE HOMENS, FEITO DE LAGRIMAS E ALEGRIA



VIVA O PAI SA'!

NÓS NOS EDUCAREMOS E NOS EDUCAMOS

Botafogo XXXII